

FORMA E CONTEÚDO NO GÊNERO ENSAÍSTICO: *DER ESSAY ALS FORM* DE ADORNO À LUZ DE HEGEL

Nils Goran Skare*

RESUMO: Este artigo analisa o ensaio *Der Essay Als Form* de Adorno à luz da reflexão sobre forma e conteúdo na lógica dialética. Primeiro, esboça-se uma reflexão a respeito do que é forma e conteúdo a partir do princípio de identidade como momento privilegiado do pensamento dialético. Em segundo lugar, lê-se o ensaio de Adorno e se extrai o conceito de ensaio e sua estrutura. Discute-se a “heresia” como constituição estrutural do ensaio. Por fim, conclui-se retrazendo os passos e definindo o ensaio como gênero.

PALAVRAS-CHAVE: Ensaio; Forma; Conteúdo, Adorno; Gênero.

FORM AND CONTENT IN THE ESSAY GENRE: ADORNO'S *DER ESSAY ALS FORM* UNDER THE LIGHT OF HEGEL

ABSTRACT: This paper analyzes Adorno's *Der Essay Als Form* essay under the light of the reflection about form and content in dialectical logic. First, a reflection is sketched about what form and content are from the principle of identity as a privileged moment of dialectical thought. Secondly, one reads Adorno's essay and one extracts the concept of essay and its structure. One discusses “heresy” as structurally constitutive of the essay. To conclude, one retraces one's steps and define the essay as genre.

KEY WORDS: Essay; Form; Content; Adorno; Genre.

INTRODUÇÃO

A investigação a respeito dos gêneros literários é extensa, repleta de polêmicas e não se resume a resultados sempre incontroversos. Em outras palavras, há, é verdade, *certo* consenso a respeito do que constitui um romance, um conto, uma fábula, um poema; contudo, muitos achados estão ainda em aberto e não há “clausura” definitiva ao redor de nenhuma conclusão.

* Graduado em Ciências Sociais e Letras pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), Brasil.

Dessa massa de gêneros literários, o presente estudo seleciona o gênero do *ensaio* como objeto privilegiado. Afinal, em que medida é possível falar do ensaio como um gênero à parte, regido por regras próprias e leis inerentes às suas formas? O ensaio se apresenta à primeira vista como um emaranhado, como *membra disjuncta* de um todo cuja unidade não seria assimilável.

Pode-se, é verdade, falar de ensaio não apenas no tradicional texto de não ficção, mas mesmo em romances (como nas obras de Thomas Mann e no Musil de *O Homem sem Qualidades*) e eventualmente até em fotografias e cinema (sendo o “ensaio fotográfico” uma forma praticamente “canônica”). Dessa forma, como encontrar o “x” que caracterizaria o gênero? Este estudo se propõe deslindar a forma e o conteúdo do gênero ensaístico, propondo um conceito operacional para esse gênero e discutindo sua estrutura mais íntima a partir do ensaio *Der Essay Als Form* do filósofo alemão Theodor Adorno.

Inicialmente, será feita uma incursão pelo terreno da lógica, em particular do pensamento dialético, para enriquecer a percepção da distinção forma/conteúdo. Ficará evidente que o princípio de identidade, isto é, a afirmação de que “A é A” é o momento inicial e princípio lógico do pensamento dialético, que se pretende não hipostaziar forma de conteúdo e vice-versa. Nesse sentido, ficará claro que forma e conteúdo são momentos em/de uma identidade em que ser e nada (a forma sendo um “nada”) se unem. Nesse processo se esboçará uma percepção do que se entenderá por “conceito” igualmente, apontando derradeiramente para conclusões do filósofo alemão F. W. Hegel como um *point de capiton* das reflexões ora desenvolvidas.

Após esse enriquecimento inicial dos conceitos preliminares, prosseguir-se-á ao exame atento e próximo do ensaio *Der Essay Als Form* de Adorno. O ensaio em questão é *sobre* o gênero ensaístico. Assim, faz parte da estratégia reflexiva do presente estudo considerar a espécie *qua* gênero, isto é, o que Adorno verifica a respeito do ensaio *no seu* ensaio é uma verdade a respeito do gênero.

Será possível então encetar uma reflexão a respeito de como se constitui estruturalmente o ensaio (elaborando sobre a *intentio* do ensaísta), tendo sido esclarecido o conceito do gênero. Dessa forma, será traçada uma formulação mínima a respeito do ensaio *qua* gênero que permitirá lançar luz sobre possibilidades, potencialidades e continuidades do “ensaísmo”.

Antes de mais nada, contudo, será necessário enriquecer a reflexão que será feita sobre e a partir da distinção forma e conteúdo.

2 CONCEITOS PRELIMINARES

Quando o senso comum é questionado a respeito de forma e de conteúdo, costuma-se exemplificar concretamente, dizendo coisas como “a garrafa é a forma e o vinho é o conteúdo”, na exata medida em que o senso comum tende a trocar definições por exemplos. Mesmo se buscamos ancorar a relação num *point de capiton* como o proporcionado linguística e discursivamente pelos dicionários, ainda teremos definições que remetem uma a outra e pouco elucidam. O *Dicionário Brasileiro Globo*, por exemplo, traz a seguinte acepção para o termo *conteúdo*: “aquilo que está contido em alguma coisa”; já o termo *forma* dá origem a uma série de aproximações e de sinonímia não menos vagas: “configuração; feito; feição exterior; modo sob o qual percebemos as coisas; estado; maneira; modo particular de ser.” (FERNANDES; LUFT; GUIMARÃES, 1997).

É preciso trazer – historicamente, discursivamente e até “narrativamente” – a indagação a respeito da dupla constituição forma/conteúdo ao domínio da lógica. Sistematização da busca pela verdade sempre-já no *entrechoc* entre os filósofos e os sofistas, território e discurso de um pensamento que se pretende rigoroso, a lógica surge como um momento que antecede e fundamenta as ciências, instante em que o simples conhecimento da forma poderia ser suficiente para garantir a *verdade* das deduções. Trata-se de passar ou de ascender à posse de um *conhecimento* a respeito de enunciados e da maneira como se regem abstraindo o *conteúdo* do movimento concreto da vida, ou, pelo menos, anulando o específico e o particular. Em outras palavras, “chamamos *forma* ao que fica depois de tirar o conteúdo, ou seja, o *significado*. [...] o simples conhecimento da forma pode nos garantir a *verdade* da conclusão, desde que os supostos sejam verdadeiros.” (LUNGARZO, 1989, p. 19) Nesse instante em que se “tira o significado” das palavras para manuseá-las operacionalmente (e isso não deixa de ser, em certo sentido, o “devir-matema” da palavra), ascende-se ou se passa a uma ciência que foraclui o significado do

mundo e da “existência” para sustentar a verdade ou, no limite, a veracidade de suas conclusões. É o propósito constante de a lógica lidar com o raciocínio, e é seu perpétuo perigo falhar em lidar com algo mais do que palavras, e substituir a classificação de distinções verbais pelo estudo do pensamento real. (SCHILLER, 1912, p. 1).

Esse é o dilema da lógica dita “formal”, de matriz e de inspiração aristotélica e que se aproxima da abstração a cada proposição, uma lógica que tende ao abismo do real. É preciso, portanto, operar uma cesura, e ao mesmo tempo correlacionar pontos de imantação, entre essa “lógica formal” e a lógica dialética (a lógica do real e a lógica do concreto).

Essa cesura/imantação se atualiza num ponto-limite, num caso extremo e numa espécie de petição. Referimo-nos ao *princípio de identidade*. É na identidade, na semelhança de qualquer coisa consigo própria que o pensamento concreto/dialético encontra um princípio lógico. O pensamento que lida com a realidade *qua* movimento e que se pretende pensamento em fluxo e fluxo pensado vence a imobilidade justamente nesse instante-zero, nesse ponto fusional da “antiga” lógica formal/aristotélica (provecta e ao mesmo tempo tão embrenhada no senso comum e seu imaginário) e o do movimento pensante cujo dinamismo concreto é a certeza de não parar em nenhum ponto “metafísico” e “místico”, isto é, quando diz: “A é A”.

Sempre que o pensamento formula o princípio de identidade está acrescentando ao ser, justamente, ao repeti-lo, “nada”. Um “nada” que não passa da forma e que, por essa mesma razão, encontra-se carente de conteúdo. O fluxo heraclitiano e impermanente do mundo encontra seu *snapshot* no instante em que, repetindo-se, o ser se soma ao nada. Ou, dito de outra forma, a forma, nada exceto por pensamento, destaca o ser “em-si mesmo”.

A identidade não é abstrata. A identidade não é simplesmente algo sendo o que é, porque algo é o que é e isso não envolve identidade, ao menos não no sentido em que a identidade figura como uma determinação de essência. A identidade contém algo que não é encontrado em nenhuma das determinações da Lógica do Ser. (WINFIELD, 2012, p. 171)

Ponto limite, o princípio de identidade – que, como bem observa Winfield em seu comentário a Hegel, não é um instante “abstrato” (à parte qualquer crítica

que se possa fazer a esse autor de “essencialismo”; e que justamente não fazemos) – é um momento em que se anula o conteúdo, sobrando apenas o puro pensamento; aqui, esse pensamento do ser se torna pensamento do nada, compondo um começo lógico do pensamento concreto. Aquilo que se desconhece se situa como objeto – “logicamente” – a ser conhecido perante o pensamento, desconhecido que existe como conteúdo, pois como forma ela não atualiza nada que não se conheça. “Quando se pensa, vê-se que ser e nada não são separáveis; vê-se que são, e vê-se que sua unidade é devir.” (LEVINAS, 2004, p. 339). Ora, ao se transformar em consciência do vazio, o pensamento do ser é informado pelo pensamento do nada da contradição de ainda não ser pensamento de algo, o que conduz a um movimento o pensamento. O pensamento não é ainda pensamento de algo determinado, mas se torna exigência de um conteúdo.

A oposição entre ser puro e nada puro conduz ao pensamento *qua* movimento, como carência de conteúdo, rumo ao pensamento como pensamento *determinado*. O pensamento dialético une os termos separados pela metafísica tradicional (como o ser e o nada, o sujeito e o objeto, a quantidade e a qualidade, espírito e matéria, e, precisamente neste caso, a forma e o conteúdo) e se torna pensamento do movimento e movimento do pensamento.

No princípio de identidade encontramos *in statu nascendi* a dialética entre forma e conteúdo. Ora, a contradição entre o ser e o nada não é o absurdo, mas um instante determinado em que o pensamento pode se mover, sem se isolar e se destruir; como complemento de determinação, a contradição é “pensável”, ela é o *perpetuum mobile* do movimento e do pensamento. É justamente esse movimento que é preciso desacelerar a ponto de podermos acompanhar como a forma “plasma” um nada ao ser, como o pensamento “nadifica” (para tomarmos emprestado um lugar-comum de Heidegger) o ser.

Precisamente, formar é se-parar, é des-tacar. “A forma não é um ser da natureza, um ser determinado. É, ao contrário, a forma do entendimento, que separa da natureza.” (LEFEBVRE, 1995, p. 176) A forma, portanto, nega *do* fluxo heraclítico do Ser e é movimento de determinação; a forma é negadora e determinante, ela é ação (na forma original do princípio de identidade, ação *do* pensamento, ação pensada e pensante). Contudo, ela é, ainda e sempre, forma *de*; ela é negação e

determinação que separa um conteúdo. “Forma sem conteúdo é vazio. Conteúdo sem forma é tão indeterminado que não pode ser percebido como objeto do conhecimento.” (HIBBEN; LUFT, 2013, p. 121) Na medida em que o pensamento dialético apreende o ser e o nada em cada fenômeno, ele erige como terceiro termo para si o devir. Esse devir comporta momentos de contradição, que ultrapassam o “absurdo” como marcas, traços ou *sintomas* da realidade; a dialética é contraditória porque é real, e em seu movimento a forma e o conteúdo são momentos (lógicos) da existência e do concreto.

Está se às voltas, portanto, com operadores lógicos (no sentido em que compõem estruturalmente o pensamento concreto como forma de um conteúdo e como conteúdo de uma forma), que são ao mesmo tempo momentos de um movimento; o pensamento se adianta, volta, retrocede, lança-se mais uma vez à frente, e nesse ímpeto incansável destaca e separa, completa e preenche, encontra uma forma para um conteúdo, e vice-versa, compondo o *conceito*.

É o próprio Marx quem, apreendendo a dialética concreta no/do pensamento de Hegel, emite esta asserção (lógica): “O conceito é de fato o mediador entre forma e conteúdo.” (MARX apud MURRAY, 2014, p. 191) Existe, se partimos desse filosofema de Marx, uma realidade conceitual que se atualiza num conceito, que é conceito *entre* uma forma de um conteúdo e um conteúdo de uma forma, precisamente *momento* (conceitual) que reúne e apreende “em-si” a forma e o conteúdo.

O conceito “preliminar” aqui expresso é idêntico à exposição (lógica) no/do movimento dialético e concreto tal qual formulado *em* Hegel. Avançamos em espiral do princípio de identidade ao *petitio principii* da forma e do conteúdo porque aí, justamente, não há um “antes”, não há algo prévio, não se “começa” de momento nenhum. Pelo contrário: o princípio de identidade não postula uma *Ursprung* metafísica, mística ou “irracional”.

O ponto principal de Hegel é enganosamente simples: ao dar um relato da forma, inevitavelmente fazemos asserções sobre conteúdo. A análise da forma de Hegel torna explícito o apelo implícito ao conteúdo que está envolvido ao avaliar a validade de uma inferência. Hegel, contudo, não mantém que um relato da verdade deve começar com um relato do conteúdo e portanto com as marcas materiais de conceitos. Tampouco Hegel argumenta que as marcas materiais que envolvem o conteúdo conceitual são constitutivas da forma lógica.

Antes, Hegel, sustenta que o conteúdo *constrange* a verdade de relações formais [...] Hegel insiste que o conteúdo é central a qualquer relato de forma porque ele compreende a forma como negatividade irreduzível. De fato, a negatividade estabelece *por que* a forma depende do conteúdo. (ZAMBRANA, 2015, p. 98)

A inexorabilidade do elo forma/contéudo se dá já na apreensão de cada um dos polos nessa/dessa dialética, porque, ao isolar um termo, o ato de isolar envolve em sua materialidade o outro; dessa maneira, a forma centraliza o conteúdo como conteúdo *de*, e vice-versa. O próprio discurso em seu fluxo só pode se deter *na* forma (ou, inversamente, *no* conteúdo) sob a condição paradoxal de *não* se deter perante o estático, o imóvel, ou, em outras palavras, aquilo que seria em pensamento o não pensamento: a forma do morto ainda é matéria; o conteúdo do todo existe “em”; o nada é no ser aquilo que o ser, um “nada”, precisa quando é.

Tendo chegado ao ponto da relevância discursiva destes conceitos preliminares, pode-se finalmente “ancorar” num *point de capiton* adequado – Hegel, obviamente – a nossa proposição mínima e compacta a respeito da forma e do conteúdo: “[o] ponto essencial a manter em mente a respeito da oposição entre Forma e Conteúdo é de que o conteúdo não é informe, mas tem a forma em si mesmo, tanto quanto a forma é externa a ele.” (HEGEL apud BRINKLEY, 1960, s/n). Esse *quilting point* permite ao discurso resumir e relevar o significado que forma/contéudo adquirirá ao longo da análise do objeto.

3 DER ESSAY ALS FORM DE ADORNO

O ensaio *Der Essay Als Form* de Theodor W. Adorno foi escrito entre 1954 e 1958, ano este em que foi publicado na coletânea *Noten zur Literatur*. O “ensaio sobre o ensaio” adorniano será compreendido no âmbito da hermenêutica deste artigo como uma instância (um “tipo-ideal”) em que o especial reflete o genérico, isto é, *este* ensaio (espécie) reflete em sua forma a forma do ensaio (gênero). *Der Essay Als Form* se compõe como uma espécie de manifesto defendendo o gênero ensaístico de seus detratores, delineando-lhe certas características e posicionando-se a favor da produção ensaística apesar de certo “anacronismo” (o momento histórico em que Adorno inscreve sua obra seria, segundo ele, desfavorável à sua existência).

Um dos méritos do ensaio, segundo Adorno, seria o de imantar o atemporal no histórico. “Ele se esforça para concretizar o conteúdo tal qual determinado pelo espaço e pelo tempo [...]” (ADORNO, 1972, p. 82) Isto é, em termos conteudísticos, o ensaio teria o mérito historicizante: o conteúdo existe *na* história para o ensaísta. Essa experiência à qual o ensaísta remete é a experiência individual mediada pela experiência da humanidade histórica: para o ensaio, a “verdade” (*Wahrheit*) e a “história” (*Geschichte*) são compatíveis (ADORNO, 1972, p. 69). Não apenas o conteúdo está na história, mas a *verdade* está na história. Adorno vê o ensaio rebitado entre ciência e arte, mas volta isso contra os detratores da forma, defendendo-lhe uma “liberdade infantil” (*die Muße des Kindlichen*) (ADORNO, 1972, p. 62), que se pode traduzir também como uma disposição “lúdica”. Ao mesmo tempo, e contraditoriamente, o filósofo vê o ensaio como um esforço do *homme de lettres*, representando o “conhecimento de um homem experiente” (*Erkenntnisse eines erfahrenden Mannes*) (ADORNO, 1972, p. 67). Esta é uma primeira contradição: o jovem e o experiente.

O azar e o jogo estão na tessitura do ensaio; assim, o ensaísta procede de uma maneira “metodicamente imetódica” (*methodisch unmethodisch*) (ADORNO, 1972, p. 72). Isso significa que, em seu procedimento, o ensaísta se vê à volta com um risco (que, segundo Adorno, a ciência positivista não ousaria correr), de ter uma “falta de segurança” (*dem Mangel an jener Sicherheit*) (ADORNO, 1972, p. 72). Ao mesmo tempo, Adorno vê no ensaio uma “responsabilidade” (*Verantwortung*) (ADORNO, 1972, p. 65) do ensaísta – não para com autoridades e afins – mas para com o objeto. Esta é uma segunda contradição: o risco e a responsabilidade.

Adorno enfatiza o ensaio como negação da certeza absoluta (o que resultaria no texto sagrado, na teologia – seu exato oposto) como ideal, bem como a transparência e a clareza como valores. Nesse sentido, o filósofo alemão pode conflitar o ensaio com o “ideal científico” tal qual proposto por Descartes (e as regras propostas no *Discurso do Método*) no berço da ciência ocidental moderna. “O ensaio nem faz deduções de um princípio nem tira conclusões de observações individuais coerentes.” (ADORNO, 1972, p. 81) Isso não impede o ensaio de se diferenciar da mera opinião ou do senso comum, porque precisa a cada instante “refletir sobre si mesmo.” (*sich selber reflektieren muß*) (ADORNO, 1972, p. 82). Tem-se aqui uma terceira contradição: a incerteza e a reflexão.

Citando Lukács, Adorno encontra na adequação do ensaio a seu objeto uma atualização de “modéstia irônica” (*ironischer Bescheidenheit*) (ADORNO, 1972, p. 68). Mas essa modéstia não significa uma “modéstia” em termos da representação ensaística, senão que “leva em conta a apresentação [*Verlangen*] com mais seriedade” do que outras formas (ADORNO, 1972, p. 71). Aqui se pode concretizar uma quarta contradição: a ironia e a seriedade.

Adorno alerta que o ensaio engloba e absorve também a teoria, sendo até mesmo necessariamente relacionado a ela. A experiência intelectual que se ossifica em objeto teórico seria, segundo o autor, refletida pelo ensaio *qua* antinomia. O ensaio, ao abordar a teoria, abriria mão de um ponto de vista, seria “desprovido de ponto de vista” (*Standpunktlosigkeit*) (ADORNO, 1972, p. 77). Ao mesmo tempo, o ensaio gostaria de “curar o pensamento de sua arbitrariedade” (*den Gedanken von seiner Willkür beilen*) (ADORNO, 1972, p. 78). Aqui é possível formular uma quinta contradição: a imparcialidade e a intencionalidade.

Seria possível prosseguir analisando todo o ensaio de Adorno sob este viés que busca suas contradições dialéticas, mas esse seria necessariamente um projeto infinito; bastam os pontos que alavancamos para tirar um *snapshot* do ensaio *qua* objeto real (realidade indexada nas/pelas suas contradições).

Um ensaio é um objeto fruto da vivência de um jovem/experiente que age numa produção repleta de riscos/responsabilidades, guiado pela incerteza/reflexão, dando à luz uma obra marcada pela ironia/seriedade a partir de um pensamento tensionado pela imparcialidade/intencionalidade.

O parágrafo antecedente não é um vulgar exercício em paradoxos, senão um retrato (dialético) que registra a contraditória forma ensaística. É preciso repetir: a contradição dialética não é o absurdo lógico; pelo contrário. Ao examinar mais atentamente o parágrafo anterior, é possível *sintetizar* contradições e relevá-las (*aufheben*) em instâncias superiores.

A contradição entre o jovem e o experiente se resolve na dialética da *vida*. Pois é evidente que alguém pode ter poucos anos e, no entanto, ter uma *Erfahrung* considerável, isto é, ter “passado por muita coisa”, como diz o senso comum. Inversamente, também é possível – e não incomum – o velho que, embora tendo muitos anos (cronologicamente), não os viveu a ponto de se tornar rico em

experiência (vivencialmente). A resolução dialética se dá no plano da vida. A matéria do ensaio é a vida, no sentido em que existe uma experiência da “vida vivida”, e é essa matéria que compõe a “experiência” do ensaio. O ensaio versa em alguma medida sobre a vida.

A contradição entre o risco e a responsabilidade se resolve na dialética da *liberdade*. Porque é evidente que para assumir uma responsabilidade perante um objeto, é preciso também correr o risco de que sua *Vorstellung* não seja “perfeita”; trata-se da liberdade que o artista conhece, na medida em que ao representar um objeto, não pode ter a “garantia absoluta” de sucesso; não, pois a arte não é pré-determinada e não há “método” que garanta vitória total sobre as forças que querem impedir o ensaísta de “tornar o transitório eterno” (*Vergängliche verewigen*) (ADORNO, 1972, p. 70).

A contradição entre a incerteza e a reflexão se resolve na dialética da *contemplação*. O pensamento não pode ser guiado por uma “certeza absoluta” se não quiser ser dogma religioso ou psicose; antes, o pensamento para e experimenta, e novamente para e experimenta (como se poderia dizer, “friccionando” linguagem e pensamento). O pensamento ensaístico é, para emprestar um termo de Walter Benjamin, *umständlich*, isto é, “tateante”, ele procede experimentando o objeto “de diversos ângulos”, *ao mesmo tempo* incerto e reflexivo, aos poucos contemplando o seu objeto.

A contradição entre a ironia e a seriedade se resolve na dialética da *crítica*. O ensaísta precisa posicionar seu objeto “sob uma luz” ou “em certo ângulo” que permita a produção (precisamente: o *ensaio*) de ideias relevantes, de filosofemas importantes – de verdades. Isso se faz com ironia – no mesmo sentido da ironia socrática, que “desperta” o interlocutor para sua ignorância e, portanto, é motor da produção de saber – mas também com seriedade, no sentido de “honestidade”, para não escapar para a sofística. A crítica do ensaio não é “destrutiva”, ela não visa “aniquilar” um adversário, pelo contrário, ela possui um – para emprestar novamente algumas palavras de Walter Benjamin – “encargo salvífico”.

A contradição entre a imparcialidade e a intencionalidade se resolve na dialética da *polêmica*. Porque o propósito do ensaísta é de provocar a discussão sobre o seu objeto, e ele só pode fazê-lo se *ao mesmo tempo* o apresenta “tal qual”

(neutro, isento de determinações subjetivas, em sua “realidade”) e também se aplica sobre ele uma determinada intenção subjetiva. A controvérsia que o ensaísta espera criar faz parte do seu projeto de, como diz Adorno, eternalizar o histórico.

Adjetivando essas dialéticas que encontramos, podemos formular a seguinte proposição a respeito da forma do ensaio: o ensaio é *vital, livre, contemplativo, crítico e polêmico*. Como já foi dito, seria possível ainda encontrar outras contradições formais do ensaio ao esmiuçar *ad infinitum* o ensaio de Adorno; contudo, essas cinco determinações objetivas são suficientes para traçar um *sentido* ao ensaio e *conceitualizar* sua existência. Assim, é possível reescrever o parágrafo em que se agrupam as contradições formais encontradas sob o modo de sua superação (dialética). Um ensaio é um objeto fruto da vida que age numa produção livre, guiado pela contemplação, dando à luz uma obra marcada pela crítica a partir de um pensamento tensionado pela polêmica.

A título de conclusão, Adorno identifica a essência íntima do ensaio com a “heresia” (*Ketzerei*) (ADORNO, 1972, p. 83). Aqui, propõe-se ler esta “*heresia*” (a partir do dicionário) como uma ideia, prática, comportamento ou pensamento contrário ao aceito pela igreja e/ou pela maioria (FERNANDES; LUFT; GUIMARÃES, 1997). É justamente esse “ir contra a maioria” que é a determinação derradeira e essencial da forma ensaística. O ensaio está sempre do lado da minoria, em última instância do indivíduo solitário contra a totalidade do organismo social. O ensaísta comunga com o Lúcifer de Milton e habita a filosofia como o Robinson Crusóe de Defoe. O ensaio é a promessa da vitória do individual sobre o coletivo, ou, pelo menos, de sua autonomia. Pode-se agora formular a tese central deste artigo: *a estrutura é pré-formal*.

4 DISCUSSÃO

Esta investigação envolve certo grau de abstração: foi possível falar de forma e de conteúdo, e à luz desses operadores analisar *Der Essay Als Form* de Adorno, a ponto de extrair o conceito de ensaio (forma e conteúdo). Em outras palavras, foi possível conceitualizar o gênero ensaístico. Nesse processo, surge um novo termo: estrutura. Como operacionalizar forma, conteúdo, conceito e, agora, estrutura?

Este artigo defende que a estrutura é um elemento pré-formal. A forma é um “nada” que o pensamento (entendimento da forma) acrescenta ao ser. Em que medida a estrutura pode ser anterior à forma? Para esclarecer esse ponto, é preciso recorrer a uma citação do antropólogo Lévi-Strauss “a *forma* se define por oposição a uma matéria que lhe é estranha; mas a *estrutura* não tem conteúdo distinto: ela é o próprio conteúdo, apreendido numa organização lógica concebida como propriedade do real”. (LÉVI-STRAUSS, 1993, p. 121).

Em outras palavras, a estrutura precede logicamente a forma; na medida em que o conteúdo é realmente apreendido *qua* lógica organizadora, ele é estrutura.

Da investigação em *Der Essay Als Form*, tirou-se a conceituação do gênero (resumido no parágrafo que reúne as cinco dialéticas localizadas); também se localizou a *estrutura* ensaística na “heresia” (*Ketzerei*). Ora, a heresia é pré-formal no ensaio. Ela existe no âmbito da *intenção*, mas não só: a heresia ensaística é estrutural também num sentido discursivo. O ensaio sempre-já se atualiza tendo por *Ursprung* uma heresia.

É possível, e não de todo estranho, um afluxo ensaístico em outras formas, assim como se pode falar, por exemplo, que o presente artigo – que *não* é um ensaio – comporta e distorce a legitimação de um *Ketzerei* (no caso, o de Adorno). O artigo acadêmico pode e deve conceber o conceito ensaístico no/do ensaio como contagem de Um, e não ser estruturalmente herético, senão heresiografia. Isto é, este artigo conceitua o ensaio, mas nem por isso se ensaia conceitualmente.

Podem-se escrever romances, poemas, biografias e até receitas de culinária (no limite) ensaisticamente. O conteúdo dessas obras será diverso, mas obedecerá à lei de sua forma, permanecendo sua estrutura comum a seu gênero. Tampouco o ensaio precisa se limitar à palavra escrita; pode-se citar o ensaio fotográfico e cinematográfico como outras atualizações do conceito.

É possível, em alguma medida, dizer que (semioticamente) a estrutura de um objeto envolve sua posição discursiva. A estrutura “pura” de um ensaio (ao menos em nosso procedimento de tomar *Der Essay Als Form* como gênero do ensaio) é a da heresia. Assim, o ensaio irrompe hereticamente no discurso.

A verdade do ensaio é a verdade de toda heresia: umas malogram, outras ganham proeminência, outras se convertem em ortodoxia – isto é, essa verdade só

pode existir *na história*. Já se viu que o ensaio leva em conta a *Geschichte* como palco das suas verdades, ou (o que é suplementar a tal proposição), o ensaísta vira o “tubo de ensaio” em que o objeto se torna fusão impossível de pensamento e de linguagem.

A dimensão comunicativa se plasma no nível em que a estrutura se atualiza. Pois mesmo quando se diz que a estrutura do ensaio é a heresia, existem *níveis* que essa afirmação comporta. “Heresia” (*Ketzerei*) não é um valor absoluto e preto-nobranco, sim-ou-não, isto é: não se trata de um valor independente, incondicional e soberano. De qualquer forma, essa estrutura explica a modéstia ironizada ensaísticamente. Pois um “eu” que vai contra a maioria é “culpado” de orgulho – o pecado luciferino *par excellence* – por sua posição na estrutura (da heresia).

Nem toda heresia é um ensaio, mas todo ensaio é uma heresia: todo ensaio se estrutura hereticamente. Uma heresia se define *qua* heterodoxia por oposição a uma ortodoxia; conseqüentemente a estrutura do ensaio está imantada na história, como já se viu. Mesmo isso se dá em níveis. Certas divergências são superficiais demais para compor uma “heterodoxia”, e quem – por outro lado – poderia propor uma divergência contra *o todo* da espécie humana (caso limite)? Ainda assim, em algum nível a estrutura se atualiza e, com isso, o ensaio se desdobra.

A estrutura não se resume à intenção. Como já foi visto, a estrutura é pré-formal e, nesse sentido, a estrutura do ensaio é pré-vital, pré-livre, pré-contemplativa, pré-crítica e pré-polêmica, para “pendurar” a estrutura nos pontos contraditórios localizados na análise de *Der Essay Als Form*, isto é, no real.

Na exata medida em que o real é contraditório, a estrutura é contraditória, seguindo do nível “zero” ao nível “absoluto”. A estrutura é real. A heresia de um ensaio *qua* ensaio é real; ora, essa heresia ensaística, naturalmente, é contraditória (e histórica), de tal forma que a estrutura ensaística por si só heresiará (no sentido de proferir heresias) *o ensaio*.

A estrutura do ensaio não o impede de formular verdades, pois a verdade não é exclusividade da ortodoxia, senão sua aparência. Nesse procedimento há uma crítica de ideologia em jogo no campo ensaístico, já que o ensaísta compara o objeto ao seu conceito em vários ângulos. Seria possivelmente a doutrina de que as coisas são o que elas parecem a eventual ortodoxia das ortodoxias contra a qual todo ensaio heresiará.

De qualquer forma, nesta análise dialética do ensaio, considerando sua estrutura de forma/conteúdo, revelou-se que é possível determinar um conceito do gênero (quando e porque se toma *Der Essay Als Form* como “genérico”) e encontrar sua estrutura. É possível – o presente estudo aponta nesta direção – analisar objetos a ponto de lhes determinar a estrutura e o conceito; nada disso é novo, senão um *reminder* de que a análise também se “pendura” em *points de capiton* “produtivos” para o trabalho do conhecimento e da crítica.

É preciso porventura atentar para o aspecto real da estrutura, e repetir que a heresia (*na* história) compõe a *intentio* do ensaísta, que essa estrutura permite situar um ensaio perante o gênero (universal) do ensaio. Pois é a partir dessa estrutura que é possível conceber todos os ensaios concretos como atualizações de uma mesma intenção herética *qua* estrutura.

A análise que separa (“analiticamente”) forma e conteúdo revela um conceito segundo uma estrutura. O conceito de ensaio pode ser atualizado concretamente em infinitas formas e infinitos conteúdos, sempre estruturalmente herético na lei de seu gênero.

Isso abre, para o ensaísta, a perspectiva de ensaiar formas/conteúdos inexplorados (romances, poemas, crônicas etc) e, para o pesquisador, a perspectiva de analisar formas/conteúdos inexplorados (quais sejam); é possível levar a dialética da forma/conteúdo à exploração lógica do Ser, assim como é possível heresiar ensaios (com “auto-consciência”).

O presente estudo, como já foi dito, não é um ensaio, na exata medida em que não se estrutura como heresia e porque obedece às leis do gênero do artigo (disposição metalinguística, presença de um “eu” cartesiano que avança do simples ao complexo, apresentação formular etc), mas isso não significa que, da estrutura e do conceito do ensaio, não extraia um saber “transmissível e formalizável”. Se a “heresia” *qua* estrutura do ensaio não é apreensível *alegoricamente* a partir da leitura deste, ainda assim o artigo circunscreve a estrutura “formalmente”.

Assim como o ensaio “absorve” a natureza (contraditória) de seu objeto, a sua circunscrição (a “quadratura do círculo”) em termos de conceito e de estrutura *qua* artigo significa a sua “formalização” (ou “decodificação”) em termos legíveis *para todos* (nesse sentido, o artigo não é a oposição do heterodoxo minoritário ao ortodoxo majoritário, mas o *devir-visível* de uma posição universal).

O ensaio é sempre e somente a atualização concreta do seu conceito; não se lê o conceito de ensaio, lê-se sempre *este* ou *aquele* ensaio. Dessa forma, é possível derivar de uma formulação concreta do conceito (tal qual a realizada aqui), um *Standpunkt* para a compreensão da forma e do conteúdo *num* ensaio.

Existe um movimento do ideal ao concreto e vice-versa, no sentido em que é possível comparar um ensaio com seu conceito, por exemplo, procedimento que, se não se inscreve *necessariamente* num esforço ensaístico (pois sua intenção pode não ser estruturalmente a da heresia), inscreve-se pelo menos no âmbito de uma crítica da ideologia.

Assim, pode-se levantar como questão até que ponto um texto “ensaístico” de jornal é necessariamente um “ensaio”, na medida em que, desprovido da estrutura herética, reflete o pensamento de uma ortodoxia. Da mesma forma, pode-se levar em conta o “devir-ortodoxia” de ensaios (que, afinal, existem na história), no sentido de o próprio devir histórico ter imantado novos sentidos à lei de sua estrutura.

Restaria saber, porventura, em que medida *Der Essay Als Form* de Adorno “permanece ensaístico” e em que medida teria sido “apropriado”. A estratégia (irônica) de Adorno de considerar um “anacronismo” a produção de ensaios se justifica (“por si só”, seria possível dizer) *qua* “constructo” que coopera com a natureza estrutural da estrutura que revela.

É a opinião do autor deste artigo que o ensaio *qua* forma “herética” não perdeu em nada sua relevância, senão, à parte o “anacronismo” que toda e qualquer ortodoxia necessariamente lhe confere, existe e insiste como atualização da *crítica* por excelência que se amalgama a essa forma.

5 CONCLUSÃO

O presente estudo partiu de uma compreensão enriquecida da distinção (lógica) entre forma e conteúdo. Observou-se como o princípio de identidade é um momento privilegiado pela identidade entre o ser e o nada. Percebeu-se esse princípio de identidade como o princípio lógico do pensamento dialético que, precisamente, liga e une a forma ao conteúdo.

Depois disso, aproximou-se do ensaio *Der Essay Als Form* de Adorno, tomando como movimento tático de nossa análise a sua concepção *qua* gênero. Da obra adorniana, foi possível localizar uma série de contradições (“sintomas” do real) e, conseqüentemente, encontrar o conceito e a estrutura do ensaio.

Em termos de discussão, a heresia *qua* estrutura foi salientada como componente essencial do ensaio em todas as suas atualizações.

Seria possível agora concluir, levando em conta o que foi dito sobre o ensaio como uma forma vital, livre, contemplativa, crítica e polêmica; essa forma é estruturada pela heresia *qua intentio* do ensaísta. O ensaio lida sempre com uma heterodoxia que “vai contra uma maioria”, a defesa de uma verdade como verdade *na* história de algo que se vê escamoteado, calado, preterido. É, portanto, esforço do *negativo* contra o soterramento na/pela ortodoxia.

O ensaio é a forma histórica que a crítica encontra em determinado momento de seu desenvolvimento, é o “lar” formal do pensamento que aspira a uma série de determinações (vida, liberdade, contemplação, crítica, polêmica) e que espera/restringe seus esforços à história. Como verdade estruturada pela heresia, o ensaio não se limita a um “gênero” identificável por “traços externos”, senão precisamente por essa *negatividade* sempre *in actu* que, incansável, para e reflete sobre si mesma, dizendo tudo o que tem por dizer, e não dizendo tudo que pode ser dito.

REFERÊNCIAS

ADORNO, T. W. *Der Essay Als Form*. In: ROHNER, Ludwig. **Deutsche Essays - Band 1: essays avant la lettre**. Berlin: DTV, 1972.

BRINKLEY, A. B. *Time in Hegel's Phenomenology*. In: *STUDIES in Hegel*. New Orleans: Tulane University, 1960. v. IX.

FERNANDES, F.; LUFT, C. P.; GUIMARÃES, E. M. **Dicionário Brasileiro Globo**. São Paulo: Globo, 1997.

HIBBEN, J. G.; LUFT, E. **Hegel's Shorter Logic: an Introduction and Commentary**. New York: Gegensatz Press, 2013.

LEFEBVRE, H. **Lógica formal: lógica dialética**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.

LEVINAS, E. Death and Time. In: KEENAN, D. K. (Org.). **Hegel and contemporary continental philosophy**. New York: SUNY Press, 2004.

LÉVI-STRAUSS, C. **Antropologia estrutural dois**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1993.

LUNGARZO, C. **O que é Lógica?** São Paulo: Brasiliense, 1989.

MURRAY, P. The secret of capital's self-valorisation 'laid bare'. In: MOSELEY, F.; SMITH, T. (Org.). **Marx's capital and Hegel's logic**. Leiden: Brill, 2014.

SCHILLER, F. C. **Formal Logic: a scientific and social problem**. London: Macmillan, 1912.

WINFIELD, R. D. **Hegel's science of logic: a critical rethinking in thirty lectures**. New York: Rowman & Littlefield, 2012.

ZAMBRANA, R. **Hegel's theory of intelligibility**. Chicago: The University of Chicago, 2015.

Recebido em: 21 de julho de 2016

Aceito em: 20 de janeiro de 2017

